

O LUGAR ONDE AS ONDAS NASCEM

Carla Ramalho

# O lugar onde as ondas nascem

coolbooks

## — A ilha —

O casco a bater no cais confirmou a chegada ao destino. A noite escura e o esgar das ondas, numa ameaça contínua, davam lugar ao alinhamento das luzes que enfeitavam o velho porto. A madeira rangia a cada movimento mais brusco do mestre. A ondulação impedia a amarração do barco e só com a ajuda de dois pescadores, que saíram de uma taberna em frente, se confirmou o sucesso da operação.

O forasteiro tirou o capuz que lhe cobria a cabeça, agora que o balanço diminuto já permitia outras vistas, mas não ousou erguer-se. A falta de foco exigia cuidados redobrados. Os olhos recuperavam ainda do percurso feito, da imensidão de breu que lhe pareceu intransponível. Mas era o cérebro que mais danos causava. Teimava em não reconhecer os movimentos que nas últimas duas horas o tinham levado até aquele fim de mundo, e daí a ordem dada às entranhas para disparar em todas as direções.

O Mestre teve tempo de reação e saltou para o pontão, acabando por observar o destempero de local seguro. As piscadelas de olho aos companheiros deixavam perceber a pouca originalidade da cena, certamente comum a todos os que não estando habituados se aventuravam naquele tipo de viagens.

– Amanhã já nem se lembra! – atirou, retirando do barco as malas que compunham a parca bagagem.

Aquele manteve-se quieto durante uns minutos. Olhava em frente na esperança de que a terra deixasse de rodar, de se transfigurar em formas ondulantes de cada vez que pestanejava ou ensaiava qualquer movimento. A minuta com o despacho que confirmava

a sua vinculação à ilha, para os próximos três anos, era a última imagem segura e estanque que a mente lhe fornecia. Tudo o resto se resumia a uma valsa vienense que teimava em não acabar, girando, rodopiando, como se o porto de madeira tivesse a espessura e a classe de um salão de bailes. E os mirones a elegância de uma debutante.

A timidez da lua apenas permitia a contemplação de vultos junto ao pontão. Simples curiosos, talvez. Ou quem sabe pescadores já preparados para o início da faina. Os candeeiros antigos, presos em postes de madeira corrompida, ameaçavam cair em cada sopro de vento mais forte. A luz trémula, artificial, ia e vinha, não deixando avistar qualquer esboço de horizonte à sua frente.

– Quer que eu chame alguém que o leve?

– Há táxis na ilha? – perguntou, enquanto passava um lenço branco pelo rosto.

O Mestre fez sinal a um dos pescadores que caminhou até ao interior da taberna. O barulho dali saído deixava adivinhar poucos resistentes. Uma conversa sonâmbula cujo eco se arrastava até ao porto gelado, para depois se perder, por completo, nas águas revoltas.

A aproximação à ilha revelara-se problemática, com as correntes e a mudança de lua, unidas, numa conjugação perfeita. Se não tivessem conseguido entrar pelo porto, restava-lhes uma praia do lado sul, protegida por uma baía natural, refúgio de pescadores em noites de temporal. Felizmente, tudo se resolvera. Apenas a humidade, que transpusera já a fronteira das calças de camurça, o ocupava. As pernas ameaçavam ficar molhadas e com elas os pés, e com os pés o resfriamento. Seria irónico apresentar-se doente no primeiro dia de trabalho.

Para contrariar esta premonição levantou-se do banco e pela primeira vez, desde que o barco atracara, firmou-se nas suas próprias pernas. O cérebro parecia agora mais confiante, mais seguro, permitindo-lhe caminhar até à proa e daí saltar para o pontão de madeira. O pescador que entrara na taberna regressava com um

homem baixo, meio sisudo, meio ébrio, que em palavras confusas e gestos arrastados lhe prometia boleia até à única residencial da ilha. Era sempre aí que pernoitavam os forasteiros, assim como alguns turistas – poucos – que em tempo mais ameno se dedicavam a conhecer a sua beleza selvagem.

– Eu tenho uma morada...

Estendeu o papel ao homem baixo aguardando que descorrinhasse a letra e o pudesse deixar na tal casa da praia, prometida aquando dos preparativos da mudança. A morada estava na folha, nas costas as dicas para alcançar a chave, escondida algures entre um milhafre de barro, plantado junto à entrada do jardim, e um canteiro que albergava jacarandás lilases.

O homem baixo, meio ébrio, meio sisudo, mostrou a folha ao Mestre. Os dois olharam-se, mantendo o silêncio. Enquanto isso, o médico lutava para subir os degraus estreitos que o conduziriam até à parte de cima do porto, já ali a roçar a estrada de alcatrão. E depois até às malas. Duas. Enfileiradas debaixo de um candeeiro que se esquecera da sua real utilidade.

– Desculpe o estado em que lhe deixei o barco – lamentou, tentando perceber qual dos carros seria pertença do “seu motorista”.

– A lavagem automática resolve!

O sorriso do Mestre deixava perceber o espaço entre os dois dentes da frente, ocupado com um palito que parecia fazer parte da dentição, tal o à vontade com que se encaixava, ali, em lugar cimeiro.

– Automática?

– As ondas. Uma, depois outra... De manhã já o bicho reluz!

O forasteiro acenou em sinal de agradecimento. O movimento deixou-o novamente tonto, prova de que o organismo ainda não estava completamente restabelecido. Parou por meia dúzia de segundos, procurou fixar o carro que o levaria ao seu destino e caminhou depois, vagarosamente, até à parte traseira, para onde atirou as malas. E depois até ao lugar do pendura, fazendo assim companhia

ao homem baixo que lhe daria a conhecer os primeiros quilómetros da ilha.

A iluminação era agora menos tímida, culpa da lua, mas também dos candeeiros, mais convincentes e decididos no desempenho da sua função. Vislumbravam-se algumas casas espalhadas numa das encostas, quintais com luzes de presença que deixavam adivinhar espaço exterior grande e cuidado. A vegetação não era muito densa e, tal como lhe tinham dito, desde que não se avistasse a água facilmente se esqueceria de que estava numa parcela de território rodeado de mar por todos os lados. Tudo seria uma questão de hábito. De tempo. E este ele tinha.

Olhou o homem que na sua sisudez continuava concentrado na viagem. Desde que entraram no carro já era o terceiro cigarro que despachava, obrigando-o a abrir ligeiramente o vidro da sua janela, na tentativa de manter um nível mínimo de oxigénio. Pareceu-lhe ver, por entre a chuva que caía com menos intensidade, uma torre alta, alongada, que se escondia no meio da escuridão.

– Aquilo ali atrás era um farol?

– O Farol do Destino – respondeu o outro quase de imediato.

– Não era suposto estar iluminado?

– Tem dias...

Esperou algum tipo de desenvolvimento, mas a explicação acabou por morrer ali. Olhou depois pelo espelho retrovisor, confirmando a escuridão da estrada, da paisagem. Nada mais se vislumbrava a não ser algumas ramagens que abanavam com a passagem do carro, de imediato engolidas pelo poço escuro e fundo em que se transformava o caminho que ficava para trás.

Esta sensação de negritude levou-o de volta ao continente, à cidade, à faculdade que durante nove anos o acolhera. As noites eram muitas vezes passadas junto a um cromeleque esquecido de quase todos, que se dizia palco de rituais pagãos ao longo dos tempos. O seu isolamento e a possibilidade de desfrutar em paz de uma boa companhia eram motivos de sobra para o procurar com frequência.

Umás vezes com colegas, num desafio contínuo à resistência vinícola de cada um, outras vezes em companhia feminina, num desafio constante à sua masculinidade. Mas em nenhuma daquelas noites, algumas bastante invernosas, se recordava de tamanho breu.

Passados uns vinte quilómetros, o homem meio sisudo, meio ébrio, parou o carro. Indicou-lhe uma estrada de terra batida do lado esquerdo. Uma tabuleta partida, em forma de seta, era o único sinal que indiciava que por ali poderia haver mais qualquer coisa, para além do escuro da noite. Avisou-o de que a casa não ficaria a mais de 600 metros, mas com a chuva e a lama não se poderia aventurar na sua direção. Ficariam atascados. Teria de seguir a pé. O médico saiu do carro, olhou em redor, sem encontrar qualquer ponto de referência. A chuva parara, mas o vento soprava de lado, forte, impedindo uma visibilidade normal.

– Tem uma lanterna que me empreste? Como é que eu chego à casa no meio deste temporal?!

O outro não pareceu muito interessado em fazer qualquer tipo de diligência que lhe facilitasse a vida. Limitou-se a confirmar a inexistência de lanternas no porta-luvas.

– Os olhos habituam-se ao escuro. Vá sempre a direito. Desse lado não há árvores, nem qualquer tipo de obstáculo. Apenas as escarpas que levam ao mar. A casa fica uns metros antes.

Olhou o homem baixo, meio sisudo, mas não lhe pareceu que aquelas palavras resultassem de qualquer estado de embriaguez. Talvez o melhor fosse mesmo continuar sozinho, não insistir na companhia. Retirou as malas, aproveitou a inversão de marcha do carro e as luzes projetadas no sentido do mar, para descortinar um pouco da estrada enlameada que teria de fazer. O som das ondas era perfeitamente audível. O eco da espuma contra as rochas seria certamente a sua companhia nas próximas noites. Nos próximos dias. Três anos de vinculação à ilha que começariam a contar. A partir de amanhã.





## — O Centro —

A janela alta, com ombreiras em mármore branco, reforçava ainda mais a luminosidade do espaço. As cores do dia, que amanhecera soalheiro, aqueciam toda a ilha, davam-lhe vida, num ânimo encorajador que contrariava o ambiente vivido umas horas antes. A chuva e o vento pareciam agora experiências longínquas; o mar apenas uma enorme massa de água completamente inofensiva; e o sorriso da enfermeira-chefe, ao apresentar-lhe o consultório, o cartão-de-visita que lhe faltara na noite anterior.

A secretária, a cadeira, a marquesa reservada por um biombo, tinham a mesma configuração que em outros locais onde já tinha trabalhado. O próprio cheiro a éter, tão característico de edifícios antigos, fizera-se sentir desde o momento em que começou a deambular pelos corredores, atrás dos passos e das palavras de Rosária de La Salette, chefe do serviço vai para oito anos. Apenas as fotografias antigas, que decoravam uma das paredes do consultório, destoaram do trivial daquilo a que estava habituado em contexto hospitalar, despertando-lhe curiosidade. Registos de colegas que ao longo dos anos por ali passaram, oferecendo os seus préstimos à comunidade, e que encontravam naquela parede o reconhecimento devido. No centro, dois diplomas com aspeto gasto, envelhecido, protegidos por uma moldura dourada que lhes conferia a dignidade ameaçada. Gostava de se ter demorado mais um pouco a observar com primor cirúrgico aquela parede, cada foto, sentir a atmosfera do consultório, a rigidez da cadeira onde passaria algumas horas do seu dia, numa espécie de ritual que o acompanhava desde o primeiro dia de trabalho efetivo. Mas os passos apressados e decididos

da sua anfitriã, que ecoavam cada vez mais perto, deixavam adivinhar nova ronda pelo espaço, e passados cinco minutos estava já na zona do ambulatório rodeado por quatro enfermeiras, duas empregadas de serviços gerais e a administrativa.

Tentou dar resposta às solicitações, alimentar algumas conversas de circunstância, mas o público feminino parecia mais interessado em saber do seu passado no continente, do local onde nasceu, da família, das expectativas em relação à ilha, do que fugia...

– Desculpe?! – respondeu, surpreendido.

As enfermeiras entreolharam-se e sorriram. A administrativa tentou disfarçar a excitação, segurando contra o peito um conjunto de processos, como se aquela abordagem inesperada pudesse dar frutos.

– Quem vem trabalhar para um local destes tem sempre um segredo. Ou foge de qualquer coisa...

– E acha que se eu tivesse um segredo lho ia revelar? Assim, ao primeiro olhar, na primeira conversa? – respondeu, caminhando na sua direção, também ele ousando uma abordagem inesperada.

A mulher baixou a cabeça, escondeu o sorriso envergonhado. Afastou-se depois com as restantes colegas, deixando-o parado no meio do corredor, sozinho, a observar, como que a processar todo o diálogo.

La Salette passou por ele e fez-lhe sinal para a acompanhar. Havia duas semanas que estavam sem clínico, desde a morte do Dr. Maurício, e todos os casos mais graves tinham sido enviados para o continente, procedimento virgem que provocou alguns constrangimentos de diversa natureza.

– Normalmente, quando um médico morre já cá temos outro a trabalhar.

Ele não pode deixar de sorrir perante a exatidão de tal prática.

Toda a parte de ambulatório ficava no rés do chão, continuou. Desde as salas de tratamento e de observação até outros dois consultórios médicos, um deles a servir de arrecadação neste momento.

Uma praga de ratos e baratas obrigou a uma desinfestação forçada a à procura de novo poiso para gavetas e caixotes com documentação importante. Era ali que repousavam agora, caso necessitasse algum dia de procurar qualquer papel com mais de dez anos.

A porta fechou com estrondo, aumentando o eco e silenciando, por momentos, as vozes que vinham da sala de espera, contígua ao longo corredor onde a enfermeira-chefe, na dianteira, continuava as suas explicações e apresentações. O médico seguiu-a, atento às palavras, não fosse alguma regra ou indicação mais preciosa lhe passar despercebida.

Os casos dos pacientes crónicos teriam prioridade, assim como os pacientes em estado terminal, apenas a fazer uma terapêutica para a dor, estavam devidamente referenciados nas pastas amarelas. Todas na mesma gaveta do consultório por ordem alfabética. Às terças e quintas de manhã as prioridades seriam o atendimento infantil e a saúde materna, em equipa com a enfermeira pediátrica Maria José. Nos restantes dias as consultas abertas funcionariam das 8 às 17 horas, rodando o corpo de enfermagem consoante as folgas. A partir dessa hora e aos fins de semana ficaria sempre em regime de vigilância.

– Com pulseira eletrónica?!

La Salette olhou-o, surpreendida.

– Para a vigilância! – reforçou. – Nas Américas estão agora a experimentar um método que serve para controlar os condenados e... Era uma piada... Esqueça.

A enfermeira segurava alguns papéis e um molho de chaves que lhe tinha permitido a apresentação de todo o edifício, dos diversos recantos, alguns abertos à população, outros para trabalho exclusivo dos funcionários do Centro, mas tardava em reagir. Como se a informação demorasse tempo a ser processada, a ganhar significado. O médico caminhou até à janela que ocupava uma parede inteira. Aí fechou os olhos por breves momentos recebendo o sol morno que insistia em acariciar aquela parte do edifício, fazendo

esquecer a frieza dos mármore, das portas altas em madeira, dos tetos a precisar de pintura. Acabou por abri-los no momento em que sentiu uma mão no seu ombro.

– Acredite que não vai precisar de nenhuma pulseira...

Ela sorriu-lhe através do reflexo no vidro da janela.

Fez depois o caminho inverso, descendo novamente para o rés do chão, finalizada que estava a sua tarefa de anfitriã. Ele caminhou até ao meio do patamar, olhou os dois corredores vazios que ali se cruzavam. Quatro quartos, oito camas, uma sala de raio X e diagnóstico e outra para pequenas cirurgias. Tudo a seu cargo. Tudo sob a sua responsabilidade. A promessa de mais clínicos para breve era mesmo isso – uma promessa. Procurou novamente a visão da paisagem lá fora. Ao longe, por entre algum casario, uma mancha azul forte. Certamente que não haveria muitos locais da ilha onde o mar não se avistasse. Nessa tarde tentaria aproximar-se, sentir-lhe o cheiro, a temperatura. Não sem antes falar com alguém da Câmara. Tinham-lhe garantido uma casa na praia durante a sua estadia na ilha. Uma casa na praia com um logradouro centenário. As imagens de uns pés descalços a descerem uns degraus de madeira, a mergulharem na areia fria, ao mesmo tempo que saboreava um chocolate quente, eram agora substituídas pela escarpa afilada que separava a sua casa do mar revolto, bem lá em baixo. Uma casa na escarpa não era de todo um incentivo que constasse no contrato. E isso mesmo seria transmitido a quem de direito, na devida altura.